

Boletim

I SÉRIE
31
DE
AGOSTO
DE
1948
ANO II N.º 14
PREÇO 2400

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR: ARQ. JERÓNIMO REIS	REDACTORES: ANTÓNIO GAIO CARLOS P. MORAIS	DIRECTOR HIGINO AUGUSTO PIRES	PROPRIEDADE DA A. A. E. (SECÇÃO CULTURAL)	COMPOSTO E IMPRESSO TIP. PROGRESSO — ESPINHO —
-------------------------------	---	----------------------------------	--	--

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO (Provisória): Rua 11-361—ESPINHO

PUBLICA-SE MENSALMENTE

PEÇO A PALAVRA...

VÊR, ORDENAR E CRITICAR

Insisto: — isto vai mal, amigos!

E vai mal porque vos recusais a usar da razão, porque recusais exercício ao encéfalo, porque vos escorre a baba pela "papa feita".

E, acreditem: — é tão fácil, tão natural, tão humano, o acto de pensar, que se resume em *vêr, ordenar e criticar*.

Ora o êrro não está em ordenar, e provavelmente não será por ausência de crítica. A coisa está no *vêr*.

Melhor: — na recusa cómoda e cretina de não *querer vêr*.

Observar, ordenar o observado, sintetizar, em seguida, sob a forma dum juízo racional submetendo-o ao crivo da análise crítica, sustentar tôdas estas operações em alicerces, positivos, materiais, palpáveis — não é difícil.

E', talvez incómodo; com certeza doloroso.

Doloroso porque há que pôr de lado aqueles sentimentos criados pela educação, pelo ambiente do artificialismo e mentira, pelos conceitos balôfos que nos impõem — desde meninos — acêrca da Vida e dos Homens.

Concluindo: — isto vai mal, amigos!

Quando a podridão se cobre de roupas doiradas e passeia de braço dado com a mentira; quando, atraz, segue a brutalidade, a cavalo no Comodismo — não posso deixar de gritar que *isto vai mal!*

* * *

Para terminar, devo dizer, aqui, que não posso assumir a responsabilidade das actuais e imprescindíveis gralhas.

Kim

EDITORIAL

ESPINHO E A EMPRESA "ESPINHO-PRAIA" A PROVA DOS 9

Intencional e propositadamente deixamos amadurecer a reacção provocada pelo nosso artigo anterior acêrca do assunto em epigrafe. Conhecedores do meio, não nos amedrontou nem nos estimulou qualquer manifestação de antipatia ou simpatia que, respectivamente, pudesse o nosso jornal colher tratando, de frente, um problema de susceptibilidade, como é o presente. Aguardamos, silenciosamente, qualquer «visível movimento» tendente a justificar as nossas palavras, pesarosamente quási dogmáticas, sobre a premente necessidade de serem finalmente colocadas no seu devido lugar as questões, que reputamos pendentes, entre os direitos *legais e morais* de Espinho em face das obrigações da empresa concessionária do jôgo.

Contrariamente ao que seria necessário, parece que a apatia é completa por parte da opinião pública — o que neste caso não seria o essencial — e também, o que é pouco natural, por parte dos dirigentes. Até agora, sòmente conhecemos as iniciativas da empresa do «Teatro S. Pedro» que, por força dos seus interesses materiais, procura agitar além do próprio problema outros problemas ligados, com a manifesta e clara intenção de, a um tempo, levar para si a simpatia das entidades locais ou superiores, incluindo até desejo natural e inteligente de estabelecer íntima ligação entre os seus próprios interesses e os interesses gerais de Espinho. Perante estes tristes factos fica-se com a desoladora impressão de que só quando a situação material ou o «statu quo» são atacados é que os homens de Espinho demonstram vitalidade impeditiva e adversa, reunindo então todas as suas excelentes capacidades de trabalho e inteligência para o esforço ingente da última hora. E' deploravelmente curiosa e significativa esta mania das arrancadas inglórias, perfeitamente dispensáveis se se verificasse a persistência sem loiros imediatos, (e que por isso mesmo encerra a consciência dos verdadeiros orientadores) dos privilegiados, e dos anteriores gerentes do nosso Concelho. Em verdade, muito do que agora sofre Espinho o deve a alguns dos nossos «cabeças» no número dos quais também cabem os incensados, apontados até aqui como exemplo. E os de Espinho, continuam de braços cruzados, olhando às cegas, sem que se mova uma só parcela do bairrismo público e das mortas forças-vivas locais.

E nós os da Académica que somos os menos culpados, ingenuamente vamos uma vez mais arrostar com desagradáveis antipatias só porque, possuidores dos defeitos e virtudes da juven-

Continua na pág. 3

MARÉS VIVAS

O nosso "Rumo"

Sem alardes louvaminheiros, o nosso «Boletim» completou, serena e discretamente, o seu primeiro aniversário. Muito pouco — mesmo quási nada — se d'sse do que apetecia, em relação à orientação que lhe tem sido dada e a sua natural repercussão. Não interessa, fundamentalmente, expor ou conhecer as dificuldades e apologias que o «Boletim» tenha a dar ou receber do ingrato público da nossa terra. A nós basta-nos a satisfação de nos sabermos mais exigentes do que os mais exigentes «críticos» de Espinho, e nem a própria indiferença dos conterrâneos nos desola ou amortece o ânimo. A singela obra que é o «Boletim», assenta num princípio idealista que nos domina e serve de rumo, razão imperiosa que justifica não só a pureza de intenções, como reflete também a nossa impaciência, o que, sem dúvida, irá fomentar novas iniciativas. E' pois evidente que as disposições que regem e condicionam a orientação do nosso jornal sintetizam o desejo claro de servir e ampliar o bom nome de Espinho e da sua Ass. Académica.

Dentro deste lema, vamos tentar dar maior amplitude à expansão externa do nosso boletim, para o que escolhemos adotar para publicação o título de «Rumo».

Adquirida a necessária colaboração e firmada a nossa posição nos grandes centros culturais, prestaremos a Espinho novo e inestimável serviço. Nessa ocasião continuará a ser a nossa íntima satisfação o melhor prémio para o esforço dispendido.

Gino Serpi

Este número do "BOLETIM" tem 12 páginas

TOIROS E TOIRADAS

Continuado da pág. 12

apoderou dos novilhos que lhe tocaram em sorte, realizando 2 faenas desligadas, sem princípio nem fim. Teve o seu melhor momento ao tourear o seu 1.º, quando o novilho por força da peleja se parou mais, instrumentando uma série de naturais, terminando com o passe de «peito», seguindo depois por manoleínas. Bandarilhou igualmente de todas as maneiras e feitos saindo algumas vezes comprometido. E, para não ficar atrás do seu colega, sofreu também algumas «carricias» e deu uma volta à praça no fim da corrida, volta essa presenciada à força pelos poucos espectadores que ainda não tinham conseguido sair por força das circunstâncias.

As quadrilhas dos matadores pareciam compostas por principiantes, tal a falta de ordem e de conhecimentos que deram mostras. Momentos houve em que, em volta de um novilho, se puderam contar nada menos de seis capotes, sem se vislumbrar o que pretendiam com tal «salada de percais».

Os touros enviados pelo Dr. Norberto Pedroso, ainda que pequenotes — tanto os de cavalo como os de lide à espanhola — cumpriram muito bem. Demonstraram bravura e eram codiciosos e alegres. Houve um, o 2.º, que por si só justificava uma chamada especial ao ganadeiro. De resto, isso seria a coisa mais justa que se poderia ter feito, uma vez que voltas à praça as deram elementos que nada fizeram para o merecer. Desta vez, sim, parabens ao lavrador.

A direcção acertada, apenas com o senão de permitir que algumas faenas se prolongassem demasiado o que só serviu para aborrecer e demorar o espectáculo.

Homens e Factos

Continuado da pág. 3

simpático, que a generosa população de Espinho, a que mais vai beneficiar com a eficiência dos serviços, oferecesse aos valorosos Bombeiros Espinhenses, a condecoração concedida pelo Governador.

Para isso, bastará que cada habitante contribua, em subscrição pública, com um escudo.

Deste modo, Espinho dignificava-se, prestando justa homenagem aos simpáticos Bombeiros Espinhenses.

Aqui fica o alvitre, na esperança de que todos os bons espinhenses, vão cumprir o seu dever de gratidão.

Câmara Municipal de Espinho

AVISO

Nos termos do § 1.º do artigo 28.º do Código Administrativo e para os efeitos do disposto no artigo 29.º do mesmo Código, é convocada a reunião ordinária do Conselho Municipal para o dia 14 de Setembro próximo, pela 16 horas, a fim de ser discutido o plano de actividade e as bases do orçamento ordinário para o ano de 1949.

Espinho, 25 de Agosto de 1948

O Presidente da Câmara
Adelino Dias dos Santos

UM POUCO DE BOM HUMOR

A doença do Pinto

por DR. VITT HÜSSU

... Pois é verdade, amigos... O Pinto adoeceu. Coisa que afinal acontece a qualquer um, tanto faz ser Pinto como Coelho. Simplesmente como este nosso amigo a coisa esteve bastante mal. Atacado duma paralisia total, a mulher via-o definhando dia a dia, sem uma reacção, sem um queixume. Sem poder mover sequer um dedo do pé o Pinto metia dó, palavra d'honra. Chegou a um ponto que, francamente mais parecia uma lira do que propriamente um Pinto. Mas que lira!... Uma lira que de-lira...

Resolvida a não deixá-lo morrer sem ter feito pelo menos tudo o que seria humanamente possível para o salvar, a mulher correu médicos, especialistas, sumidades, mas todos eram unânimes em concordar que o Pinto, dali só mesmo para a capoeira.

Até que finalmente um dos facultativos veio dar um pouco mais de alento e esperança à mulher do Pinto. Porque afinal o Pinto podia salvar-se... Bastava submetê-lo a uma comoção forte violenta que lhe permitisse normalidade — restaurar a do seu sistema nervoso em desequilíbrio, naquele estado apático que já durava há tanto tempo. A mulher não hesitou... Empregou toda a sua imaginação, mas francamente não resultou. Inventou-lhe tudo o que seria loucura até imaginar: que rebentara a guerra; que o Araujo ia para o Benfica; que o Armando Miranda foi convidado a fazer um filme em Hoollywood. Chegou mesmo ao ponto de lhe dizer que a A. A. de Espinho tá tinha sede. Tudo de balde. Foi então que a mulher recorreu aos grandes meios numa tentativa desesperada de o salvar.

— Foge Pinto, que a casa está

a arder!... Gritou-lhe com pavor, embora sem nenhuma convicção.

— Chama os bombeiros foi a resposta do Pinto num autêntico murmúrio que mal se conseguiu ouvir. E continuou na mesma.

A mulher do Pinto arrancou os cabelos com desespero. Mas não desistiu.

Continuou a insistir.

— Foge Pinto, que a casa vai desabar!...

— Maldito arquitecto... E garantiu-ma ele por 10 anos, respondeu o Pinto.

E continuou na mesma.

A mulher ficou abatida. Tentara tudo, mas em vão. Contudo não desistiu ainda. Sempre ouvira dizer que a fé move montanhas. Nunca vira — como eu — mas acreditava.

E foi então que depois de esgotar tudo o que a sua imaginação foi capaz de conceber, se resignou a vê-lo morrer com mágoa. Na realidade o Pinto já não era Pinto. Era ovo. Tam amarelo, tam magro, tão fraco enfim que seria impossível durar mais que algumas horas. Chegou mesmo ao estado limite da resistência, e quando ia já fechar os olhos, foi então que a mulher lançou a última cartada. Tomada duma súbita inspiração, gritou-lhe:

— Levanta-te Pinto que a Amália Rodrigues vem hoje cantar o fado, a duas c'roas o bilhete. E eis finalmente que o Pinto, dando um grande salto na cama, vociferou para a consorte.

— Grande idiota!... Porque não o disseste há mais tempo?!... Traze-me as calças e vai-te vestir já!

... Mas salvou-se o Pinto, afinal!...

A Casa, a Alma e a Sombra

Naquela rua escura, sombria, que o sol não ilumina, existe uma casa tão escura, tão sombria, como a rua. E nessa casa, corroída pelo tempo, esburacada, abandonada, ninguém vive.

Há 10 anos ainda não existia a Rua mas existia a Casa. O sol iluminava-lhe a fronteira. Gritos alegres de crianças davam-lhe um ar de vida. A casa parecia ter vida, parecia conter em si o germen da mocidade. Mas um dia surgiu a Rua. Surgiram pedreiros e arquitectos, técnicos e engenheiros, e ergueram-se casas, muitas casas.

E a Casa, que outrora o sol visitava longamente, mergulhou na sombra. As crianças começaram a tornar-se enfezadas, anémicas, e o médico examinando-as, cuidadosamente, afirmou que mau era o meio, que maus eram os ares, que havia falta de luz, de ar... E assim, em certo dia, a casa ficou abandonada.

A casa é a minha alma. Enquanto fui só, enquanto fui menino e moço, todo eu era alegria, iluminado pelo carinho da minha Mãe, pelas ideias ministradas pelos meus Pais e Professores. Sim, antigamente, na minha alma havia gritos e risos alegres de inocência. Mas hoje que vivo como um Homem, que sou um elemento social, surgiram novas Almas e a minha alma ingressou na Sombra. Todos os meus belos ideais, todas as minhas loucas fantasias, estiolaram-se na luta pela vida, egoísta, banal, egocêntrica. E sinto a alma ôca, abandonada, e sinto um frio gélido que me impregna a alma, o frio gélido da desconfiança...

Sim, antigamente a Casa era outra. Não havia a Rua. Não havia a Sombra.

Sim, antigamente a minha alma era uma alma de criança... mas hoje é como uma Casa abandonada...

Pepe

MINIATURAS

Continuado da pág. 13

todos e nunca poderiam pagar o preço da libertação?

A luta por um mundo novo esperava-o. E um dia, partiu rumo à terra do sofrimento.

Longo tempo havia decorrido e a memória dos homens era fraca. Tinham-no esquecido. E continuaram a esquecê-lo porque o que ele prégava era novo.

O mundo não podia ser modificado. A miséria, os infelizes, a dor, o ódio, não podiam acabar para que existissem a caridade e a justiça. Os homens diziam-se irmãos mas não eram feitos da mesma carne, do mesmo sangue...

Ismael tinha de ser esquecido. E desapareceu num turbilhão de raiva, de forças ocultas e misteriosas...

Ismael é a figura de um apóstolo e também pode ser o retrato de Herman Melville, um dos maiores escritores românticos americanos.

Com Melville deu-se um caso extraordinário na história das letras. Ao contrário dos outros escritores, obteve êxito logo no início da sua carreira, mas com o decorrer dos tempos ele conheceu a derrota e o esquecimento.

Qual a razão da mudança?

Encontra-se a explicação no seu desprezo pelos homens e pelo mundo. Desprezo que o levou a trocar a civilização pela vida simples e primitiva duma ilha dos mares do Sul. Porém a insatisfação que o caracterizava não lhe permitiu a fixação no paraíso que escolhera e regressou.

Mas os homens vingaram-se. Tinham-no esquecido.

Nuno Rangel

Ainda o Aniversário do «Boletim»

Devido à falta de espaço só agora publicamos os nomes dos colaboradores do «Boletim» no seu primeiro ano, exclusiva da Direcção, os da Secção Cultural e o Correo Redactorial.

Colaboradores:

Anibal Lacerda
Dr. António Nunes das Neves
A. Frederico Alcorado
Duarte de Vilhena Gasmão
D. Sebastião
Elisio Sousa Batista
Eugénio Paiva Freixo
Gomes Castro
José Bacrosa da Fonseca
José Corte-Real
Kim
Mário Duarte Ramos
Mário Castro Correia
Paquito
Pedro Manuel
Victor Hugo Damasceno
Victor Hugo Martins
Dr. Virgínio Pereira

Desenharam as gravuras:

Sérgio Gonçalves
Manuel José Carvalho Vaz

Miniaturas

Ismael

Ismael vivia sufocado entre os outros, prêsã do mesmo destino, do caminho que a todos levava para o mesmo fim. E sofria com a presença dos companheiros sempre iguais na ânsia da posse, na luta pela supremacia do eu sem importar os que ficavam para trás, estropiados e miseráveis a formar um mundo aparte.

Tinha de fugir da caridade falsa, da piedade fingida que atrava, de longe, uma esmola à dor dos que foram de graus. Havia de descobrir uma terra onde a vida fôsse generosa e igual e os homens diferentes.

E a insatisfação passou a fazer parte da sua vida.

Navegador errante, cruzou muitos mares e conheceu noites de desespero e de esperança, com os olhos feitos estrelas ora apagadas e tristes ora brilhantes e alegres.

Viu terras longínquas e diferentes, belas e acolhedoras mas tinha de recuar porque os homens eram iguais.

Muito tempo se passou na luta entre a fé e o desânimo. E um dia, numa manhã de sonho, ainda o sol rasgava a névoa que se levantava preguiçosa das águas mansas, o barco de Ismael tocou as areias duma praia. Chegara a uma dessas péguenas ilhas que pontilham os mares do Sul. Descobrira a terra desejada e ali, na Terra da Utopia, encontraria finalmente a libertação. Ali, estaria livre dos homens que fizeram da Civilização um mal. E ali, num mundo rude e bravo mas sincero e leal ergueria bem alto o seu ideal.

Esqueceu o tempo e os homens. Agora só existiam ele e a Natureza. A sua vida só valia pelo amor às coisas simples e belas que a grande amiga lhe oferecia. Aprendeu a colher todo o encanto do latejar constante e imenso da floresta; amava as árvores tanto quanto desprezava os homens. Desde os seixos que rolavam na praia, brincando com o mar, às estrelas que acenavam dum azul infinito, de todos fizera amigos.

Conhecia a felicidade. E a sua alma viveu tranqüila até o dia em que uma dúvida reacendeu a insatisfação de outros tempos.

Não poderia o homem vencer o mal e construir uma nova civilização? Teria ele o direito de conhecer o verdadeiro caminho da felicidade e guardá-lo num egoísmo feroz e igual ao dos outros?

Sim, ele sabia que a felicidade não estava na ambição desmedida e violenta. Para quê tantas canseiras, tanta dor, tanta miséria, se a condição era igual para

Continua na pág. 2

TALVEZ SEJA VERDADE QUE!!!



Falar em Espinho de faltas a corrigir e de males a eliminar é a mesma coisa que prégãr no deserto...

O defeito esteja no facto das forças-vivas da terra estarem mais mortas do que vivas...

O silêncio feito à volta dos últimos artigos sobre turismo seja uma prova do que afirmamos...

Continuaremos firmes a cortar a direito e a desancar sem dó nem piedade, crenes no provérbio «Água mole em pedra dura...»

A organização do último Campeonato Nacional de Voleibol deixou bastante a desejar...

A equipa do Sporting de Espinho não teve naquele campeonato o comportamento esperado...

Se tenham "queimado" as esperanças dos voleibolistas espinhenses irem à ilha da Madeira...

Os passeios em frente ao futuro teatro continuam encobertos pelos "graciosos" taipais...

A sempre esperada solução daquele assunto nunca mais chegou...

Existam a funcionar duas Associações de Patinagem do Norte...

O Correia de Brito continua a meter os pés pelas mãos justificando a tal gralha...

Alguns jogadores de Voleibol da Académica ainda não compreenderam as responsabilidades do jogo de "passagem"...

As ruas de Espinho continuam esburacadas à espera de operários e material...

As obras do abastecimento de água estão a ser mais difíceis do que se julgava...

O Fernando Moreira ande para aí a "vender-se" por quinze tostões...

Na Avenida a luta pela posse das cadeiras chegue a decidir-se a murro...

Os ténistas de Espinho tiveram medo de fazer má figura nas Caldas...

O desenvolvimento da nataçãõ, em Espinho, não está a par com a existência da melhor piscina portuguesa...

Dentro em breve será publicada a história da Associação de Patinagem do Norte...

As portas laterais do Teatro S. Pedro só servem para enfeite...



O COLÉGIO DE S. LUÍS tem uma casa nova. A alma velhinha do "S. Luís" vai dar vida a um corpo novo, a um edifício airoso e moderno.

O "Boletim", criado e sustentado por antigos alunos do colégio não podia alhear-se do facto que marca uma nova etapa na história tão cheia de tradições do "S. Luís" e no progresso intelectual de Espinho. Faltariam até a um dever de gratidão e justiça se esquecéssemos o colégio que nos "formou" e viu o melhor das esperanças dum jovem.

Fomos ver as novas instalações e, no final da visita depois de apreciarmos o bom gosto e a luz que ali reinam ficamos com inveja dos estudantes de hoje. Francamente, até apetece estudar num meio onde tudo parece respirar juventude e alegria!

Em suma, o Colégio de S. Luís encontrou finalmente edifício condigno. Aos seus Directores os nossos parabéns pela iniciativa e pelo carinho que puseram na magnífica realidade que hoje todos podemos ver.

A PROVA DOS 9

Continuado da pág. 1

tude, resolvemos defender a nossa Terra com um amor que é ignorado pela fria e calculista geração que ora possui todas as rédeas. E ao terminarmos este singelo artigo, espontaneamente nos bailou na mente a conhecida e confrangedora frase—**Espinho tem o que merece!!** Só com grande esforço conseguimos afugentar a frase abaladora e terminar a Prova dos 9...

Higino Pires

HOMENS E FACTOS

Uma homenagem justa

No pretérito mês de Julho deixou de exercer a sua actividade profissional — por ter passado à situação de reforma — o senhor Jerónimo Alves Moreira que durante 39 largos anos exerceu com proficiência, sabedoria e honrabilidade o cargo de Chefe da Secretaria do nosso Município.

O ilustre funcionário — que ainda em pleno uso das suas faculdades de trabalho se retira — exemplo vivo da disciplina e da tenacidade no trabalho, era muito estimado por superiores e subalternos, que nêle viam um verdadeiro amigo e protector.

Para os municípes, que o olhavam com admiração e nêle depositavam a máxima confiança, era o alfôbre da sabedoria aonde recorriam sempre que tivessem necessidade de serem guiados nos mais complexos problemas administrativos que aparecessem.

Por isso, e logo que houve conhecimento do veredictum da junta médica de aposentação, os funcionários da C. M. E. organizaram uma festa em sua homenagem que se efectuou no passado 1 de Agosto.

Funcionários, companheiros de trabalho, amigos, representantes lídimos das forças vivas de Espinho, associaram-se à justa homenagem dos 39 anos probos e intensos de labuta em prol do desenvolvimento duma terra que o acarinhou e a quem êle deu o melhor da sua mocidade.

Justa homenagem esta a Jerónimo Alves Moreira, filho adoptivo de Espinho e a quem esta terra muito deve.

Bombeiros Espinhenses

Por Decreto de 18 de Julho do ano corrente, foi agraciada com o grau de Oficial da Ordem de Benemerência a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Espinhenses.

A justa recompensa concedida pelo Governo da Nação, causou certo regosijo no meio associativo da Associação Espinhense.

Os Bombeiros Espinhenses, que à Causa Humanitária tem dedicado o melhor do seu esforço e carinho, mereceram bem a condecoração.

Em Janeiro próximo, os Bombeiros Espinhenses atingem a maioridade, pois completam 21 anos de existência. Naquela data, serão organizadas festas comemorativas do XXI aniversário, procedendo-se à inauguração de um novo pronto-socorro, apetrechado com o melhor e mais moderno material de incêndios, o que de certo modo, proporciona uma maior tranqüilidade aos habitantes de Espinho, pois ficamos com uma mais eficiente montagem de serviços de incêndios.

Seria interessante e muito

Continua na pág. 2

COLÉGIO DE S. LUÍS

PRAIA DE ESPINHO

PARA EDUCAÇÃO DE RAPAZES
INTERNATO E EXTERNATO

CURSOS: Primário, Liceal e Comercial

Inscrições abertas até 30 de Setembro

TELEFONE 60

Reabertura a 6 de Outubro

EDITORIAL *Domingos Barreira*

Tem uma "Coleção Portuguesa"

"Príncipe Perfeito" (Pedro Homem de Mello)
foi publicado por

Domingos Barreira EDITORIAL

Histórias de Mulheres (José Régio)
Os últimos homens da lua (Lorenzo di Poppa)

= LIVRARIA =

Segredos de Polichinelo (Alberto Uva)

= PORTUGÁLIA =

Adolescente (José Marmelo e Silva)
Por um novo Humanismo (Rodrigo Soares)

PORTO

O Anel misterioso (Alberto Pimentel)
Primeiro, Cristo (Plínio Salgado)
Jack, o matador de gigantes (Grimm)
Invasões Francesas (Pedro Vitorino)
Redondilhas (António Corrêa de Oliveira)
Coração enamorado não sabe para onde vai (Paul Bourget)
Guerra Junqueiro e a sua obra poética (Amorim de Carvalho)
O Pensamento filosófico de Leonardo Coimbra (José Marinho)
As viagens terrestres dos portugueses (Mário Gonçalves Viana)

São edições da

Livraria Figueirinhas

Pracça da Liberdade - Porto

Edições valiosas

Edições com esmero Edições de bons livros

Edições de assuntos actuais

Edições de grande literatura

Edições Ibérica Tavares Martins

Rua de S. Hdefonso, 379 - Porto

Colégio de N. S. da Conceição

— PARA MENINAS —

Internas, Semi-Internas e
Externas

Cursos: Infantil, Primário, Liceal e Complementar

TEL. 303 - ESPINHO

"Contemporâneos" - uma colecção notável
«Filosofia e Religião» colecção fundada por Leonardo Coimbra
Livros de História, de Arte e Viagens
Romances, Poesias e Críticas
Edições cuidadas e belas, assuntos de interesse
Autores de renome

Livraria, Rua dos Clérigos - Porto

Menta de Retalhos

Um homem de bons sentimentos...

Não, não era mau. E' verdade que todos o diziam com maus sentimentos. Mas não era mau. E' verdade que diziam que ele batia na sua mãe mas se o fazia não era por mal, porque ele não era mau. Não, não era mau. Que o dissesse e Pinto, o Pinto Gorila. Sim, que o dissesse. Que afirmasse que algum dia o tratara mal, a ele, que tinha 1,90 de altura e um bicipite de ferro. Não, que ele respeitava todos. Ele sempre respeitara Deus e a Lei dos Homens. E apesar disso diziam que ele era mau. Mau ele? Ele que perdoava tanta coisa, tanto insulto, tanta calúnia. Sim que aquilo, que se dizia dele, era calúnia. Calúnia, sim, calúnia. Aquilo tudo partia do seu cunhado, que o odiava por causa das partilhas. Tinha sempre desculpado o cunhado. Sim, desculpara-o. Porque ele não era mau. Mas a taça estava pelos bordos. Pelos bordos. Afinal que pensava o seu cunhado? Que ele não era um homem? Que ele era um covarde? Covarde ele que na Romaria de S. Braz já esfaqueara um homem? Não, o cunhado não estava sendo um inimigo leal. Estava-lhe roendo a reputação. Não, o cunhado não estava sendo leal. E ultimamente andava com um ar gabarola. Que ele já reparara nisso. Até o Pinto Gorila lhe falara no caso. Bem, isto não podia ficar assim. Um homem é um homem. Mas o cunhado era forte, lá isso era. Que ele já o tinha visto erguer com as mãos enormes pedregulhos enormes. Tinha força o raio do homem. E tinha fama de ser bom lutador. Dizia-se — que ele não vira — que vencera três homens ao borracho. Era forte o raio do cunhado. E era valente pois nunca puxava de navalha. Nunca. Mas um homem é um homem. E luta com as armas que tem. E ele tinha a sua navalha. Uma navalha de lâmina forte e gume afiado. Sim, bem afiado. Uma navalha de ponta e mola, daquelas que são proibidas. Sim, das tais. Das tais que mergulhavam com facilidade, até ao cabo. Por mais forte que fosse o cunhado, ele, de navalha na mão, não o temia. Sim, que ele não era covarde. Mas cada homem defende-se como pode. E o cunhado andava-lhe a atazanar os ouvidos. Odiava-o. Que ele não era mau. Mas em certa altura a taça transbordava. Só tinha uma atitude a tomar. Ergueu-se. Apertou no fundo do bolso das calças a navalha. Sentiu-se forte, seguro. Subiu a gola do casaco. Bebeu dum traço o vinho que restava no copo. Limpou a bôca com as costas da mão. Apertou a gola subida com a mão esquerda. E abandonou a taberna imunda mergulhando na noite escura... Sim, que ele não era mau...

Pepe



Feira da Ladra...

Num dos últimos números da «Defesa de Espinho», alguém que subscreve as suas crónicas com as iniciais M. F. trazia à estampa algumas considerações acerca dos aspectos de feira da ladra que Espinho vem consentindo na actual época balnear.

Nota-se que o articulista mesclou de ironias subtis aquilo que em verdade desejava dizer, ou seja que Espinho está transformado numa autêntica feira, num autêntico arraial sertanejo.

Efectivamente não faz sentido que se consintam numa praia, que se ufana de ser uma zona de turismo de primeira classe, as aberrações que para aí se notam nos passeios, nas avenidas, nas áreas de diversão, em profusão assustadora.

Tuão isso tresanda a feira da ladra, e parece-nos que Espinho não devia enveredar pelos caminhos do popularucho, que de nada disso precisa para ser procurado e admirado.

Que diabo! As barracas do Senhor da Pedra e do Senhor de Matozinhos — arraiais de características acentuadamente populares — nunca aspiraram a vir enriquecer o colorido próprio de uma praia de raros méritos como a nossa. Mas, como lhes deram a mão para treparem às grandes zonas de turismo, os seus proprietários não hesitaram e zumbal!... Ei-los a pôr as suas caranguejolas em movimento e a explorar o filão o mais honestamente que podem.

Mas que isto é pouco para aplaudir, parece-nos não restar dúvidas a ninguém de bom senso, de bom gosto e de amizade sincera por um Espinho aceiado e limpo, que se intitula zona de turismo de primeira classe.

Porcalhões...

A's vezes chegamos a acreditar que não merecemos certas dádivas da iniciativa e do bom gosto. E a reforçar as nossas dúvidas temos o desgosto de anunciar que a Piscina-Solário-Atlântico está a ser maltratada de maneira bárbara.

Não tome, a gerência, medidas enérgicas e teremos abandalhada uma obra que é o orgulho de todos nós. Sim, porque a continuarem os porcalhões a escarrarem a torto e a direito nas águas da piscina, transformando aquilo numa monumental «escarradeira», não sabemos onde irá parar o estabelecimento que é um hino à vida e à saúde.

Veremos depois quantos «atletas» quererão tomar um banhinho de escarros.

A gerência deve tomar medidas enérgicas e imediatas, lem-

brando àqueles que fora da piscina vomitam ao verem um cabelo na sopa, a condição de homens limpos e civilizados.

Coloquem cartazes por toda a parte da piscina ordenando — «E' proibido escarrar». E para os «miopes», façam um cartaz do tamanho de um carro de bois e arranjem um valente pau de mar-meleiro...

Pedinchice...

Cabe-nos o dever, a nós espinhenses, receber bem os visitantes e agradar de todas as formas aos veraneantes que preferem a nossa praia.

Pondo de parte as habituais festas, que este ano ninguém viu, temos de olhar por certos portamentos que revelam o nosso cuidado com aqueles que vêm animar certas «artes» do sector comercial de Espinho.

E, sendo assim, não está certo que se permita e dê largas à pedinchice que assola a praia e incomoda, qual praga, os que procuram descanso das fadigas dum mundo de labor intenso e fatigante.

Eles são instituições de caridade, ordens religiosas, parasitas, etc...

Não haverá meio de regularizar o «trânsito» de tantos processos de «cravar» o próximo?

E não nos atirem com a moral e os bons sentimentos, porque além da defesa do repouso do veraneante, está o facto de termos bom coração todos os dias ao contrário de tantos que só o têm aos domingos e dias feriados...

Velocidades...

Ultimamente, para sua delicia e susto dos peões, os senhores automobilistas têm feito das ruas de Espinho pista para corridas. Mesmo naquelas ruas que estão esventradas, as agulhas dos velocímetros oscilam perigosamente para todo o desgraçado que, por mal dos seus pecados, se vê forçado a andar pelo seu pé. Entregam-se a estas tropelias, dignas de Indianapolis ou da Gávea, os proprietários desses muitos «espadas» e «baratinhas» que atulham as acanhadas vias de comunicação nortenhas e fazem-no com o maior desplante e sem o mínimo respeito pela integridade física dos transeuntes, à vontade, sem empecilhos, porque infelizmente a Polícia de Viação e Trânsito não pode ter os seus agentes por toda a parte. No entanto, dado que os homens das fardas verdes não possuem o dom da ubiquidade, talvez não fosse mau que, de quando em vez, e à semelhança do que fazem nas estradas, eles aparecessem pelas ruas principais de Espinho e refreassem os impetos impiedosos dos senhores automobilistas.

PRIMEIRA FILA

O Classicismo e o Modernismo na Poesia

Há quem procure estabelecer confrontos entre os poetas clássicos e os chamados modernistas, afim de apoucar os versos dos últimos perante a opulenta beleza formal dos primeiros.

A meu vêr, comete-se um erro tremendo. Em todas as épocas, em todas as escolas, em todos os grupos literários houve sempre bons poetas e péssimos rabiscadores de rimas sem poesia.

Quantas e quantas larachas bem metrificadas, bem rimadas, rígorosamente fieis aos moldes clássicos, andam por aí impressas em edições de luxo e que não valem um caracol?

Se poesia é só rimar bem, se é colocar bem as sílabas tónicas, se é fazer excelentemente as cezururas nos lugares próprios, eu vou ali e já venho!

Não, meus amigos! Poesia pode ser tudo isso, mas é também, e de uma maneira muito especial e absoluta, uma coisa que se não aprende, que vive para além de todos os convencionalismos e de todas as regras, e que irrompe em beleza emotiva dos mais pequenos nadas da vida do homem e da vida das coisas.

A verdadeira poesia, aquela poesia de que se gosta, que nos emociona, que nos subjugua, que faz da nossa sensibilidade uma escrava submissa, tanto pode existir num belo verso errado como num verso convencionalmente perfeito.

Os poetas — quero referir-me apenas aos que são poetas pelo coração e pela nata sensibilidade — brilham em qualquer poema, seja esse poema escrito conforme os cânones clássicos ou ao geito de algumas poesias modernistas.

Ou se é poeta, e a poesia brota como a água pura do seio das frágulas, ou não se é poeta e tudo quanto se escreva com a pretensão de ser poesia não passa de intragável, de indigesto empadão literário.

Tudo isto, portanto, significa que eu aprecio um poeta pelo que possa existir de rico e de exuberante no seu espírito creador e não pelas formas que esse poeta adopte para nos transmitir as suas emoções.

Classicismo, romantismo, simbolismo, presencialismo, realismo, neo-realismo, modernismo, futurismo, existencialismo, são apenas bandeiras que definem épocas, escolas, grupos literários ávidos de renovação, o que aliás é justo, humano e interessante.

Sob tôdas essas bandeiras desfilarão e desfilam maus poetas e poetas superiores de real talento. Hoje, como ontem, como há séculos, os bons Poetas, quando surgem, são sempre bem-vindos, sem importar os moldes de que se servem para bem cantar.

Ser ou não ser poeta, eis a questão.

Pedro Manuel

PELO

DESPORTO

ENTRADA EM CAMPO

"Casa onde não há pão, todos ralham, ninguém tem razão!..."

Atravessa neste momento uma crise muito pronunciada a secção de oquei patinado da Associação Académica de Espinho. Vários são os factores que para tal têm contribuído e difícil, se não impossível, se torna determiná-los. Todavia, não andaremos muito longe da verdade se declararmos que a culpa do quasi descalabro em que esteve prestes a cair o oquei no nosso clube recai, em grande parte, sobre os ombros dos elementos directivos que pecam, uns por inércia, outros por flagrante falta de conhecimentos técnicos.

Nunca dentro da colectividade teve o oquei em patins uma organização tão bem desorganizada!

Que isto de se estar à frente de um clube ou de uma secção requiere, além do mais, um mínimo de conhecimentos que infelizmente, escasseiam no nosso meio.

E' chegada a hora de acabar, de uma vez para sempre, com a acumulação de cargos, com a mania da perseguição, e, principalmente, com a intromissão na vida do clube de elementos que mais tarde ou mais cedo, denunciam falta de amor clubista, colocando acima do bom nome da colectividade os seus interesses e a sua desmedida vaidade pessoal.

Vamo-nos, pois, oquistas espinhenses, unir em volta do nosso estandarte e dos elementos responsáveis pela orientação do oquei patinado adentro do nosso clube para que, de futuro, e ao contrário do que esta época sucedeu, o bom nome da nossa querida Académica saia sempre, e de cada vez mais, com o máximo prestígio.

Pela nossa parte colocamo-nos, de há muito já, ao dispor incondicional dos dirigentes efectivos da A. A. E. e do chefe da secção de oquei em patins, pessoa que, a par dos muitos defeitos que possui como orientador dos oquistas, tem a seu favor uma qualidade de que se pode orgulhar — a de resistir a todos os vendavais, procurando levar o seu barco a pôrto seguro.

Virgínio

Início de épocas

Aproxima-se o início da época das modalidades de basquetebol e oquei em campo. A Ass. Académica competirá novamente em ambas em cotejo respectivamente com as equipas de Aveiro e do Porto. Se, no primeiro desporto, ainda não atingimos aquele nível técnico porque aspiramos e lutamos, no oquei em campo, que tão magníficos exemplos de dedicação nos tem oferecido, conseguimos, ao fim de alguns anos de persistência, guindar-nos às alturas em que pairam os melhores do Norte. Todos os que desejarem inscrever-se em qualquer das modalidades devem dirigir-se aos respectivos chefes de secção srs. Mário Ramos e Manuel Serralva.

Basquetebol

Com grande entusiasmo iniciou-se no pretérito domingo — 15 de Agosto — o Torneio Popular da Costa Verde em basquetebol organizado pela respectiva secção da Académica, com a finalidade de encontrar novos valores que, num futuro próximo e com exito, venham a substituir os veteranos.

Quatro grupos populares se inscreveram no torneio: Velha Guarda, Associação Desportiva de Espinho — com duas equipas — Farturas e Viela.

Dos resultados obtidos podem-se

deduzir dois possíveis vencedores: Velha Guarda e Farturas.

Resultados técnicos: — A. D. E. (B) 30-Viela 2; Farturas 30-A. D. E. (A) 10; Velha Guarda venceu a A. D. E. (A) por falta de comparência; Farturas 21-A. D. E. (B) 11. O encontro A. D. E. (B) - Viela foi protestado por este último.

Hoquei em Patins

Terminada a sua malfadada participação no campeonato regional, a Académica tem organizado jogos particulares que permitam aos seus atletas manter-se em actividade, não obstante o seu afastamento, por motivos lamentáveis que já pertencem ao passado, do Campeonato Nacional.

Os júniores do Paço de Arcos estiveram em Espinho durante uma semana, acompanhados pelo seu orientador, o internacional Campeão do Mundo Emídio Pinto. Da sua visita muito puderam aprender, especialmente em respeito e dedicação mútua entre orientados e orientador, os júniores da Académica. Nos três jogos que efectuaram entre nós, dois com a Académica e o outro com o Vigorosa, os rapazes do Paço de Arcos patentearam um bom conjunto ao contrário dos locais que vivem dos esforços mais ou menos isolados de cada um e do apego à luta que demonstram. Os visitantes deram-nos quasi sempre jogadas com princípio, meio e fim, mas só contra o Vigorosa conseguiram sair

Considerações à volta

DA PRÁTICA DESPORTIVA

Se não quisermos considerar a prática desportiva unicamente como um processo fácil de obter glória passageira e depauperamento físico duradouro, mas sim como um excelente meio de adquirir saúde física e moral; se quisermos esquecer o transitório representado por alguns triunfos mais ou menos esporádicos dos atletas locais e alguns espectáculos mais ou menos emocionantes para gozo dos espectadores interessados; e nos resolvermos a analisar objectivamente as reais condições em que se realiza essa prática desportiva, teremos, concerteza, mais que criticar do que louvar.

De facto, a arte de fazer desporto é encarada de modo muito deficiente pela grande maioria dos praticantes locais.

E, se alguns dos defeitos que se torna necessário apontar e corrigir, são de ordem geral e comuns à maior parte dos agregados desportivos, não são por isso menos graves e dignos de censura.

Entre nós pode afirmar-se que:

— A prática desportiva não é quasi nunca antecedida e acompanhada da preparação ginástica indispensável para garantir ao atleta, a robustez física necessária, a par da desenvoltura e aspecto externo, que não provoque a desagradável impressão de insuficiência tão comum em tantos dos nossos representantes.

Por outro lado não se insiste no treino assíduo, regular e metódico, único meio de adquirir e conservar a forma e aumentar as possibilidades naturais de cada um.

Alguém com um pouco de geito, que comece a praticar qualquer modalidade desportiva com êxito local, descarta imediatamente o treino, convencido logo de ser o "melhor do mundo" e, esquecido de que o velho aforismo — "em terra de cegos quem tem um olho é rei" —, faz lembrar logo que "em terra de gente com dois olhos, quem tem um só, é cego".

Anima sobretudo os pratican-

tes o desejo de "fazer figura" e a maior parte deles bem depressa abandona a actividade, se não surgem êxitos rápidos a compensar os seus esforços iniciais, esquecidos de que se deve encarar primeiro o desporto como um meio de adquirir ou conservar a saúde física e moral como acima dissemos e só acessoriamente como fábrica de campeões por demais incensados e idolatrados.

Também se pode reparar que só aparecem praticantes em quantidade, para aquelas modalidades de popularidade mais acentuada, ainda que menos úteis do ponto de vista do benefício pessoal do atleta.

Basta notar como entre nós continua completamente esquecido o Atletismo, apesar de ser sem dúvida a modalidade de efeitos mais benéficos, e como só uma escassa minoria se dedica com alguma regularidade à Nataçao, também tão aconselhável e útil para todos.

Torna-se necessário rever posições e traçar planos de acção, mais de harmonia com o verdadeiro fim a ter em vista — que o desporto seja um benefício real para os seus praticantes.

Comece-se portanto por fazer a ginástica necessária ao perfeito desenvolvimento físico de cada um. Arranjem-se para isso técnicos competentes se os existentes não chegam.

Crie-se no espírito dos jovens a ideia de que depois, e só depois, do "trabalho de ginásio", devem os mesmos dedicar-se em primeiro lugar àquelas práticas desportivas como o Atletismo, a Nataçao e o Voleibol que pelas suas excelentes características são as que mais podem contribuir para o seu harmónico e integral desenvolvimento.

Para os excepcionalmente robustos e aptos surgirá depois a verdadeira oportunidade de virem a ser "realmente bons" nos outros desportos mais populares mas de feição bem mais fatigante e cuja prática se tem de encarar cuidadosamente, a bem da saúde própria.

A. N. N.

vencedores (4-1) talvez porque encontraram pela frente adversários menos animosos que os nossos júniores.

A Académica empatou por 2-2 e venceu por 4-3.

Em complemento destas exhibições do Paço de Arcos os seniores locais defrontaram os do Carvalhos (5-3), Paço de Rei (9-2) e Vigorosa (4-3), jogos estes que vieram demonstrar mais uma vez que temos a terceira equipa do Norte, muito embora isso não agrade a certa gente.

Aproxima-se a data dos Campeonatos Regionais de Patinagem em que a Ass. Académica inscreveu três equipas que os disputarão nas três categorias.

O atleta João Gonçalves está

castigado mas seria injustiça não lhe conceder o direito de defender os seus títulos regionais e nacionais conquistados o ano passado. A Associação de Patinagem do Norte pertence resolver o caso.

* * *

Dentro em breve serão conhecidos os resultados do inquérito pedido pelo nosso clube ao relatório do delegado ao jogo Académica-Académico para o Campeonato regional que originou o castigo de três dos nossos jogadores.

Lêde, assinai e propagai

BOLETIM



Del camino

El sol es un globo de fuego,
la luna es un disco morado.
Una blanca paloma se posa
en el alto ciprés centenario.
Los cuadros de mirtos parecen
de marchito velludo empolvado.
El jardín y la tarde tranquila!
Suenan el agua en la fuente de mármol.

António Machado

(«el poeta de habla castellana más grande de nuestro tiempo»)

Um amigo traidor...

A autora deste conto morreu há poucos dias. Tinha 18 anos, era simples, alegre, bondosa e inteligente. Nem a beleza lhe faltava. De tudo isto é testemunha quem a conheceu. Pois também a sensibilidade artística morava nessa almazita virginal e poética. O conto que hoje publicamos ganhou o 1.º prêmio nos Jogos Florais da Associação Académica de Espinho. Pequeno, conforme o Regulamento exigia, nele se observa um delicado sentido das medidas, dos efeitos, dos meios expressivos e uma profunda aderência ao espírito do assunto, dramático mas contado simplesmente como ela própria, em duas ou três linhas maguadas, como ela própria, talvez. **Ubalдина da Silva Pais** seria uma artista, com certeza. Mas "a Morte foi um amigo traidor"...

Comovido com a notícia deste passamento, Florentino escreveu os versos que se seguem:

*Nunca te vi, mas eras nova e linda.
Morreste, e choro, eu que jámais te vi.
Sei que depressa este desgosto finda,
Mas hoje doi-me... e choro, e penso em ti.*

*Por nunca ver teu rosto, cresce ainda
O nenúfar da mágua onde vivi.
Meu coração sperava a tua vinda...
Chegaste, agora, enfim: Tenho-te aqui.*

*Tenho-te, grácil, véu e som, perfume...
Andas em tudo... Como um vagalume,
Na noite velas este moribundo.*

*Fazes brilhar as lágrimas que choro
Só morrendo nascemos! E eu adoro,
Eu hoje adoro em ti a alma do mundo...*

Uma ruazita suja e mal cheirosa, com roupas às janelas. Crianças esfarrapadas e pálidas brincam num rego que atravessa o beco. Num lado, uma casa com três andares.

Entrei e subi a escada comum. No último andar, caminhei por um corredor escuro e abafado.

Bati a uma porta baixa que transpuz, logo que um som débil respondeu à minha chamada.

Eis-me numa sala cheia de fumo e sombria, que dá para um quarto estreito, onde um homem, de cerca de 60 anos, está sentado numa velha cadeira poeirenta.

É um homem de aspecto doentio e gasto. Alto, magro, cabelos anelados e brancos, ainda com traços fisionómicos; mas o vício, a miséria e talvez os desgostos imprimiram-lhe uma máscara de precoce senilidade.

Sim, foi aquele homem que auxiliiei numa noite de nevoeiro, e que nunca mais recordaria, se não me chegasse às mãos essa carta de papel grosseiro e letra elegante, que tanto me impressionou, pedindo urgentemente uma visita.

Resolvi aceder, levando já a esmola antevista, mas, olhando agora esse mesmo homem, sinto faltar-me a coragem para puxar pela carteira. Qualquer coisa no seu olhar altivo me proíbe de o fazer.

Com um gesto, convidou-me a sentar a seu lado. Fiquei em frente duma cama de ferro, donde os lençóis e cobertores caíam numa desordem suja. A meu lado, sobre uma mesa redonda, havia copos e garrafas meio cheias e uns restos de comida. Pelas paredes e no chão, num-

rosos quadros, amontoados uns sobre os outros, cheios de pó. Um cavalete, no meio da saleta, tinha uma pintura representando uma bela cabeça de mulher, por acabar.

O velho descobriu o meu olhar de espanto e curiosidade, percorrendo vagarosamente as pinturas e confirmou as minhas suspeitas.

— Sim! — disse o desgraçado, a quem socorri do frio e da fome, quando todos o julgavam bêbado.

— Eu fui um pintor, um célebre pintor retratista. Agora sou, sem dúvida, um farrapo humano, que anseia a morte, pois tem apenas por companhia as suas recordações...

E a voz do infeliz extinguiu-se num soluço, enquanto os olhos profundos percorriam os quadros do aposento.

Embebido nos seus pensamentos, parecera esquecer-me, mas, de súbito, num tom vibrante e altivo confessa-me:

— Chamei-a para, antes de morrer, lhe agradecer o que fez por mim. Como nada possuo para lhe oferecer e não posso pagar a minha dívida, resolvi mostrar-lhe que sou um homem de bem, não tendo, assim, de se envergonhar por me dirigir algumas palavras. Vou dizer-lhe quem sou e contar-lhe a minha triste, mas honrada, história.

Tornou a percorrer as suas pinturas e com os olhos fixos no retrato do cavalete, murmurou:

— Só tive amigos traidores, nesta vida...

E depois começou lentamente, num vislumbre de orgulho:

Eu fui... eu sou... o célebre pintor...

Não terminou a sua revelação.

A morte, foi também, um amigo traidor...

O Conquistador

Conto de Renato de Valnegro

O menino era filho duns pobres de pedir. Andava esfarrapado e pálido, descalço e belo, tinha uns grandes olhos sôfregos. As suas nevas mãos esguias escoavam-se como um rio em busca do oceano. Havia frutas nos pomares, mas tinham dono. Havia comida fumegante nas cozinhas, mas era de outros. Havia casas bonitas, confortáveis, mas não lhe pertenciam. Só a visão e o odor e o som da Natureza visitavam os olhos sôfregos do menino e o seu olfacto e o seu ouvido. Sem o menino possuir a Natureza. Afeioou-se aos galhos das árvores, às hervas do campo, aos bichinhos da terra, às aves do ar, às pedras do caminho. Afeioou-se, para quê? Tinha de continuar, mendigando o pão. Menino filho de pobres de pedir. Para a frente, sempre mendigando, enquanto via flores tímidas sorrindo, maravilhosos pomos provocantes, fumo torcicolando para o céu. Efêmero tudo. Após a Primavera e o Verão, chegava o Outono e o Inverno, após esta aldeia e esta silva florida, havia que prosseguir. Um menino rico, de frente encostada à vidraça, invejava a poeira ao sol, como borboletas, a joalheria do orvalho, a plumagem macia das árvores. ., queria liberdade, correr mundo, correr...!

Em tudo existem prisões e o menino filho duns pobres de pedir, sem o saber sentia-o.

Cresceu o menino com a alma sôfrega nos olhos. Adolescência. O corpo era uma fidalga e acerada curva tensa. O espírito era uma seta e onda incansável num eterno retorno sobre o mar. Tinha os lábios recortados como em jeito de sonho, um deles gomo bipartido-se como em jeito de beijo, entreabertos como em jeito de interrogação. As guedelhas rebeldes aureolavam-lhe a fronte, descaíam sobre a testa, davam-lhe um ar selvagem, a emoldurar de subida os ignorantes grandes olhos sôfregos. A voz, lírica, era um fio de fonte.

Trabalhava aqui e além. Davam-lhe o trabalho e a paga, por esmola. (Por esmola?). Quando não trabalhava, o adolescente entretinha-se comandando exércitos maltrapilhos, armados de ripeiras, de mocas, de galhos, de calhaus. Era esperto, diplomata, ousado e insinuante. Ganhou influência nos ânimos dos companheiros, simpatias entre a gente de roda superior. Doiradas moedas começaram a aquecer-lhe a algibeira. O arcabouço, elegante mas sólido, impunha-se às vistas e às sedições. A bôca tinha um desenho aristocrático e ambicioso. As

guedelhas rebeldes aureolavam-lhe a fronte, davam-lhe um ar independente, a emoldurar de subida os decididos grandes olhos sôfregos. A voz, forte, convencia e comandava.

Estava senhor duma casa. Duma quinta. Duma povoação. A escadaria apresentava os degraus para ele calcar. O menino filho duns pobres de pedir largara os trapos nas bermas de silvedos e era um senhor de alma em riste, potência encarcerada.

Não era já maltrapilho, antes rico, servido e acatado. Usava comprida, roxa capa. Bebia em copos de ouro e em taças de cristal. Vinhos aromáticos, quentes ou abertos ou macios ou densos ou leves, frios como fontes, poderosos como sangue, rendados como sonho, vinhos cantavam em sua garganta de cisne e de "condottiere". Frutos íntegros e coloridos desnudavam-se nos cestos preciosos. Igurias variadas espreitavam a gula, nas louças transparentes. Servos atendiam-lhe os caprichos. Amantes, perfeitas como estátuas, longas como os mantos, frementes como ósculos, acorriam, pressurosas, submissas, sensuais, ao seu desejo.

Ele, erguido, melancólico, desdenhoso, olhava tudo com tédio. De noite, sob o luar, batia as matas ou corria a cavalo, em descampado. Nos dias de névoa, perdia-se a fugitar, com um junco o nevoeiro. Nos dias de sol fechava-se no solar, corria os cortinados e os reposteiros, e ficava a meditar no escuro. Bissonho, este senhor? Às vezes altas horas dormentes, levantava-se, chamava criados e gentes do povoado, e, em seus jardins, à luz de archotes, bailava e cantava, numa alegria feroz.

O que já não era maltrapilho nem menino trazia capa roxa e tinha ainda o rosto mais pálido (da lua?) e os olhos mais sôfregos (de não receber?). Só quem pede recebe esmolas, peça seja lá com que for. A lua cõa luz, apenas.

Um dia... os seus homens, chamou-os às armas. Pôs seus domínios em pé de guerra. Montou em seu ginete nervoso e de grandes crinas, deitou-se à conquista, pela terra além. Apoderou-se de aldeias, vilas e cidades, triunfou nas batalhas mais renhidas, curvaram-se a êle os poderosos, subjugou os reinos, e coroas imperiais, magestáticas, lhe pousaram na cabeça. Foi um vendaval açoitando a paz e a autonomia. Orgulhoso, insatisfeito, jovem, caracoleou por mil carreiros do mundo e talhou, a seu capricho

Continua na pág. 9

Literatura

O VALOR

dos escritores portugueses

Será que nada valem os nossos escritores ao pé dos homens de letras estrangeiros? A maioria dos votantes parece inclinarse para isso. Eu acho que é um preconceito, um erro tradicional, uma falta de análise judicativa. Os próprios editores contribuem para essa opinião, recusando-se aos escritores nacionais e lançando à publicidade torrentes de livros estrangeiros de qualquer quilate mas vestidos de propaganda e elogios extraordinários. Na procissão embarcam os críticos, desdenhando as obras portuguesas. E, neste confusio-nismo, queixam-se os editores de que o livro se não vende, de que desapareceu o gosto pela leitura e de que não lhes aparece—quem lhes dera!—um autor como os estrangeiros, êsses, sim, autênticos!; queixam-se os críticos da pobreza do panorama literário português, da falta de artística pujança; queixa-se o público de que nada haja belo e valioso nas letras nacionais e de que não valha a pena ler e comprar livros, pois são maus (excepto os estrangeiros) e caros; queixam-se, por último, e creio que com razão, os escritores da incompreensão que os cerca em benefício de quem lhes não é superior.

Pois não vejo onde a nossa Literatura antiga ou moderna fique a dever à de além-fronteiras.

Desde Virgílio, não se contam quatro poetas épicos como Camões. O mundo não possui, desde que principiou a Idade Média até que rebentou a Revolução Francesa, quatro teatralógicos como Gil Vicente. Existe, porventura, depois da Odisseia ou dos Niebelungos, ou mesmo com êsses, narrativa mais dramática e mais profundamente humana do que a "História Trágico-Marítima"? E há mais universalmente variado, harmónico e cosmopolita, um livro do que a "Peregrinação", de Mendes Pinto? Na época realista, ninguém foi tão subtilmente ironista e tão profundamente pessoal e do seu tempo como Eça de Queiroz. Debalde, após a queda de Roma em 476, se buscará poetas mais altos, mais delicados e mais portadores de verdade do que D. Diniz, Bernardim e Pascoais. Em vão, se quererá topiar romance tão poema, tão valioso, tão genial como esse maravilhoso "Príncipe com orelhas de burro" de José Régio. A literatura que agora se chama-se neo-realista, à parte duas ou três produções soberbas pela violência, não gerou nada superior ao "Adolescente" de José Marmelo e Silva. Onde encontrar, no estrangeiro contos que se comparem aos "Bichos" de Miguel Torga? E existem, agora, em todo o mundo, nove ou dez dramaturgos que se gabem de ter feito melhor que o "Doído e a Morte" de Raúl Brandão, o "Amanhã" de Manuel Laranjeira,

CIENCIA

A EVOLUÇÃO

O nosso colaborador Dante Albuquerque irá, em sucessivos números do «Boletim», tratar este debatido assunto: a evolução. Antes de o fazer, abrindo a sua secção de Ciência, Dante Albuquerque quis dar aos leitores este belo trecho de Darwin, traduzido por Paulo Sawaya:

«Certos autores eminentes parecem plenamente satisfeitos com a hipótese de cada espécie ter sido criada independentemente. A meu ver, parece-me que o que nós sabemos das leis impostas à matéria pelo Criador concorda melhor com a hipótese de que a produção e a extinção dos habitantes passados e presentes do globo são o resultado de causas secundárias, semelhantes às que determinam o nascimento e a morte do indivíduo. Quando considero todos os seres, não como criações especiais, mas como os descendentes em linha recta de alguns seres que viveram muito tempo antes de se depositarem as primeiras camadas do sistema cambriano, parecem-me enobrecidos. Julgando assim pelo passado, podemos concluir, com segurança, que nenhuma das espécies actualmente vivas transmitirá a sua semelhança inalterada a uma época futura muito afastada, e que só um pequeno número delas terá descendentes nas idades futuras, porque o modo de agrupamento de todos os seres organizados nos prova que, em cada género o maior número de espécies, e que todas as espécies em muitos géneros, não deixaram descendente algum, mas estão totalmente extintas. Podemos, mesmo, lançar ao futuro um volver de olhos profético e predizer que são as espécies mais comuns e mais espalhadas, pertencendo aos grupos mais consideráveis e dominantes de cada classe, que prevalecerão ulteriormente e que procriarão espécies novas e preponderantes. Como todas as formas actuais da vida descendem, em linha recta, das que viviam muito tempo antes da época cam-

briana, podemos estar certos de que a sucessão regular das gerações jámais foi interrompida e que nenhum cataclismo subverteu o mundo por completo. Podemos, pois, contar com alguma confiança sobre um grande e longo futuro. Ora como a selecção natural actua, apenas, para o bem de cada indivíduo, todas as qualidades corporais e intelectuais devem tender a progredir para a perfeição. É interessante contemplar uma ribeira luxuriante, atapetada com numerosas plantas pertencentes a inúmeras espécies, abrigando aves que cantam nos galhós, insectos variados que esvoaçam aqui e ali, vermes que rastejam na terra húmida, e pensar que estas formas tão admiravelmente construídas, tão diferentemente conformadas, e dependentes umas das outras de uma forma tão complexa, tem sido todas produzidas por leis que actuaem em volta de nós. Estas leis, tomadas no seu sentido mais lato da hereditariedade que é quase implícita na lei da reprodução; a lei da variabilidade resultante da acção indirecta e directa das condições de existência, do uso e desuso; a lei da multiplicação das espécies, numa razão suficientemente elevada para trazer a luta pela existência que tem como consequência, a selecção natural determinadora da divergência de caracteres e da extinção de formas menos aperfeiçoadas. O resultado directo desta guerra da natureza, da fome e da morte é, pois, o facto mais admirável que podemos conceber, isto é, a produção dos animais superiores. Há uma verdadeira grandeza nesta forma de considerar a vida que foi, primeiramente, inspirada pelo Criador num pequeno número de formas ou numa só; e, enquanto este planeta obedecendo à lei fixa da gravitação, continuou a girar na sua órbita, infinitas formas, das mais belas e das mais admiráveis, foram e continuam evoluindo de um início tão simples.»

RÉGIO E PASCOAIS

Pedimos aos nossos leitores muita desculpa de não inserir os artigos prometidos, mas várias causas, voluntárias umas, involuntárias outras, levam-nos a guardar essa colaboração assim como a de Marmelo e Silva, Carlos Carneiro, Amorim de Carvalho, etc., para o 1.º número da nossa revista que sairá em Outubro.

ra, e o "Gladiadores" de Alfredo Cortez? E quantas, quantas obras nacionais da nossa Literatura de hoje e de ontem que são pedras preciosas de primeira água! E quantos, quantos escritores esperam que os revelem, e quantos, quantos sucumbiram no afogamento que os matou para as letras e para a glória! Ah! Senhores Editores que repelis originais mesmo sem os ler!— não tendes o direito de vos queixar! Ah! Respeitável público malsinando autores que não lêdes ou não avaliais conscienciosamente! Escasseia-vos autoridade para a condenação!

Ah! Senhores críticos encas-cados que resolvestes riscar toda a produção literária nacional, quiçá por não querer admitir génios onde vós sois apenas mais ou menos inteligentes! Isso é um crime de lesa-Pátria, de lesa-Humanidade e de lesa-Arte!

Com a minha pobre competência e na minha descolorida prosa, lutarei pela justiça que se preste aos escritores nacionais. Os meus próximos artigos versarão sobre cada um dos autores portugueses e das obras portuguesas citados no decorrer deste escrito.

Nuno Coutinho

Filosofia

REFLEXÕES

O amor é egoísmo, inveja, ódio. Amor é desejo de integrar, de incluir o Outro no Eu. Amor é desejo de ser o Outro. Amor é raiva por não ter o Outro e por não ser o Outro, ódio ao Outro por ele não ser ainda o Eu. Amor é ciúme. Pois Amor é ódio aos outros que se unem antes de unir-se ao Eu. Queríamos que tudo o que está separado começasse o processo de união unindo-se ao Eu. Odiamos o união fora do Eu. Por isso, o amor—desejo de inclusão—é ciúme, e ciúme de tudo. Amor é força atractiva entre o Todo dividido. A força atractiva está na razão inversa das distâncias. Quanto mais próximo nos fôr um objecto, maior é a força atractiva, o desejo de inclusão, a inveja, o ódio e o ciúme. Os homens estão próximos. Por isso, entre a Humanidade maior é a inveja, o ódio, o ciúme, a aspiração—o amor. Só o Eu comanda tudo, porque só o Eu existe. O Eu existe disperso nos objectos criados, pois o Criador quis fazê-lo odiar-se, invejar-se, amar-se separado, para que sofra e para que mereça existir unido.

A felicidade será quando houver a união total. Até lá, sofreremos. A união total será a perfeição da personalidade. O eu não se anulará: entregar-se-á.

Possuir-nos-emos todos, sem deixar de ser nós (deixar de ser nós, cada um, para ser um novo Eu, o Eu constituído pelo conjunto dos cada um anulados). Não se trata de um ente permanecendo e assimilando o outro, mas de uma assimilação mútua, permanecendo ambos distintos como dantes. Assim como eu assimilo a noção dum raciocínio ou a sensação duma cadeira, sem que o raciocínio, a cadeira ou a sua noção e sensação deixem de existir, íntegras, assim também todos os entes se possuirão mutuamente (mas completamente, então), sem que as suas personalidades fiquem anuladas.

Agir é criar. Toda a acção determina um acto. Logo, toda a acção cria um acto. Mas todo o existir é criar. Um ser, pelo só facto de existir, ocupa uma posição, determina um aspecto à existência (a existência é uma tal, como aquele ser; seria outra infinitamente sensivelmente igual—sem aquele ser), gera constantemente uma contribuição para o aspecto da existência. Assim, existir é agir (porque, se todo o existir é criar, todo o criar é agir, pois toda a criação é acto). Há, pois, diversa quantidade ou força ou energia de acção. É o que se exprimiria dizendo que há acção mais estática ou mais

Continua na pág. 9

O MODERNO CINEMA ITALIANO

A Guerra deixou a Itália pejada de problemas. Descalabro moral e social, aflitiva situação econômica.

O Cinema olhou para estes dois pontos e foi obrigado a ocupar-se deles. O descalabro moral e social dava aos cineastas italianos o ensejo de escarpelizar a sociedade do post-guerra, para retratarem com maior ou menor violência os embates das sucessivas ocupações militares que a pátria dos Cesares sofreu em poucos meses.

A anormal situação econômica trazia em consequência uma incomportável alta de preços muito especialmente no capítulo do material de construção tão necessário para que as cidades destruídas regressassem à normalidade. E assim os orçamentos das produções cinematográficas tinham de ser dotados de exorbitantes verbas destinadas à execução dos necessários *decors*, a não ser que se preferisse empregar o cenário natural da rua ou da casa, do campo ou da oficina.

Assim por dois caminhos diversos, o realizador e o produtor, o artista e o financeiro, chegaram ao realismo que é a característica mais evidente do moderno cinema italiano.

Enquanto o realizador pretendia pôr na tela, com realismo, os problemas da Itália do post-guerra, o produtor exigia realismo no cenário a fim de não sobre-carregar o preço da película.

O realismo triunfou pois em toda a escala dentro do moderno cinema italiano e este foi exactamente em consequência desse mesmo realismo que triunfou em todo o mundo civilizado. Os êxitos universais de «Paiza», de «Angelina... deputada», de «Roma cidade aberta», de «Bandido», de «Sem piedade», de «Viver em paz», etc., vieram de o cinema italiano apresentar fórmulas novas, soluções novas, isto é, apresentar-se renovado em tudo e em contradição com o decalque estafado que suportamos a Hollywood desde há anos. Rossellini, Riccardo Freda, Blasetti Luigi Zampa, Alberto Lattuada, Mário Camerini, Pietro Germi, Mario Soldati, etc., etc.

As preocupações sociais, espelho da Itália de hoje, constituem o fundo da moderna cinematografia dos habitantes da península. Dos estúdios da Cinecitta, da Universal e muito especialmente dos da LUX-FILM, saem película após película, onde essa preocupação domina. Não basta citar «Os Miseráveis» com todo o seu socialismo romântico mas que resulta num estupendo espectáculo, pleno de movimento, de emoção, de beleza e verdade. Não basta citar «Angelina... deputada» onde a extraordinária actriz que é Anna Magnani põe em equação todo o problema das casas econômicas em que por fim adopta soluções que se não afastam em essência da nossa política social. Não basta citar «Paiza» onde Rossellini traçou com crueldade as consequências

DERREDOR DA ATLÂNTIDA

Preguntei, no número anterior, se o Modernismo era original. Nenhum movimento é completamente original, mas sim originado e originário. Todo o movimento recebe influência dos proximamente anteriores e, às vezes, dos longinquamente anteriores. Por isso, também e como os restantes, não é completamente original o modernismo. Existe, contudo, um errado conceito acerca dos seus elementos e da novidade dos mesmos. Por essa razão, eu quis levantar esta pergunta e tentar conduzir as atenções para uma determinada resposta.

Já alguém aqui definiu Arte como expressão do Homem inteiro; e bem sabemos nós que o Homem é uma complexa resultante de várias forças, agrupáveis em três: força vital, força anímica e força ambiente. Ora, na força ambiente, existe uma fundamental energia: o meio geográfico. A Arte, pois, sem que a fechemos no círculo restrito que Taine dava à sua natureza e produção, é certamente condicionada à Geografia. Se a Arte é filha do Homem (mas também do meio, porque o material disponível a encaminha,) o Homem é filho do ambiente geográfico (não apenas); e a Arte expande-se e retoca-se e encaminha-se pelas vias que a geografia lhe proporcionar. Procuremos, portanto, não mutilar a realidade e, no estudo da produção e da evolução artísticas, atentar no plano geográfico, na raça, nas instituições, na psicologia, na época, no Homem e em tudo o que o determina, enfim.

Muita documentação se perdeu para a História, e a Ciência ainda não conseguiu reconstituir muitas das principais linhas no roteiro histórico. Conseguir-lo-à, algum dia? Só incompletamente, decerto.

Um dos problemas que se não

morais da invasão e da ocupação americanas. Não basta citar «Macário perdeu a guerra» onde Macário, o grande cómico, nos põe com infinita graça, em face dos problemas mais oportunos da Itália que não ganhou a guerra. Não basta citar «Bandido» com todo o seu realismo mundialmente elogiado.

Nada disto basta. E' preciso aglomerar os nomes dos filmes, dos estúdios e dos realizadores atrás citados, fixá-los para se estar em dia com o que de maior nos oferece o cinema de hoje, e juntá-los depois à bela equipe de actores que se chama Anna Magnani, Amadeo Nazzari, Gino Cervi, Carla del Poggio, Macário, Aldo Fabrizi, Irasema Dilian, Giovanni Hinrich e tantos outros. E' com este conjunto de valores — artistas e técnicos — que a Itália nos pode oferecer com brilho, com verdade, com opulência, com raízes humanas, essa obra formidável que devemos respeitar e acarinharmos e defender: o moderno cinema italiano.

Jorge Pelayo

resolveu foi o da existência e situação de continentes desaparecidos cujos nomes nos chegam por antigas vozes. A Atlântida? Seria onde é hoje o Atlântico Oceano? Quem o saberá... Tudo, porém, nos leva a crer que um continente desaparecido raiou na Irlanda, no Sul da Grã-Bretanha (Gales), na Armórica e ocidente francês, nas Astúrias, na Galiza e em Portugal. Estas regiões pertenceriam ao tal continente e seriam, por assim dizer, os arredores longínquos dum centro esplendoroso de Cultura. As mais primitivas raças que habitaram as regiões citadas pertencem ao mesmo grupo e constituem até um recipiente idêntico para depósito de futuros invasores que só dificilmente quebram esta unidade. As linhas de temperatura, isotérmicas, etc., encaminham-se também, ali, numa direcção horizontal (deformadas, é claro, pelas novas condições criadas pelo derruimento continental e aparecimento oceânico). Certas afinidades ligam as culturas das regiões próximas e da restante Europa às culturas das regiões que chamaremos atlânticas. E isso é natural, já que lhes estão ligadas; e delas dependem, como se nota pela observação das primitivas linhas culturais e evolutivas através da Europa. A densidade cultural é maior aqui no Atlântico, demonstrando que estávamos nós mais próximos do núcleo e que, à maneira de ressonância, as ondas chegam mais brandas à distância onde as características ráticas e as outras características ambientes davam à Cultura individualidades próprias.

Mas, com todas as diversidades, certos caracteres comuns unem, também, as margens de água e além-Atlântico e as suas gentes.

Terá isto marcada importância no desenvolvimento da Arte, no idealismo artístico e no modernismo? E' o que procuraremos ver.

Lopo Goulart Nogueira

O Conquistador

Continuado da pág. 7

o mapa. Até que seus olhos ficaram encadeados no mais alto castelo sobre a mais alta montanha jamais contemplada. Em ordem impecável, em número esmagador, com violento espírito guerreiro, o exército subiu o monte, sob o seu comando. Caíram muros e defesas. Encheram-se os fossos de cadáveres. Correu o sangue, ao entardecer. O fogo lambeu algumas construções. Quando a noitinha pôs cinza sobre tudo, os conquistadores festejaram orgias lá no cimo. Mas quando a noite caiu, el-rei, com sua capa roxa, subiu à torre suprema, moveu a garganta de cisne e de «condottière», encostou as pupilas no veludo do firmamento. E viu uma estrela formosa como a formosura, virgem, brilhante e enevoada como lágrima. Ele amou-a. Ela, porém, andava muito alta, muito, no infinito.

E el-rei, sozinho, deixou as gargalhadas, o vinho e as mulheres na noite do castelo, desceu a escharpa onde rasgou vestes e carnes e, outra vez maltrapilho, e sempre mendigo, pálido e de olhos sôfregos, partiu para a planície onde se via um lago onde ele teria, ao menos, da estrela a imagem e o reflectido fulgor.

Renato de Valnegro

Reflexões

Continuado da pág. 8

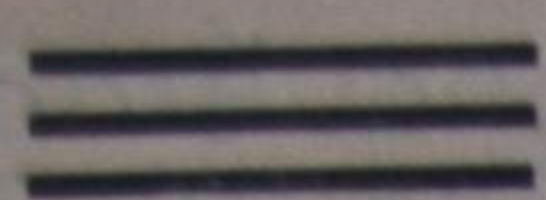
dinâmica. Vê-se, pois, que um ente age menos existindo apenas, como, por exemplo, uma pedra, do que existindo (criando posição do ser) e criando outras posições para os outros entes. Donde tiramos que tudo o que existe age, havendo só graus de acção. Mas como existir é agir, concluímos que o que mais age mais existe. Há, portanto, graus, potências, densidades no existir. O ser por excelência é o que mais age, o maior autor.

Florentino Goulart Nogueira



Para ilustrar a poesia «COMÊÇO»

Desenho de Lopo G. Nogueira



P O E S I A



Comêço

Vagamente,
 Como um navio, ao longe, dentre névoa,
 Como um navio, da m'nha memória à frente
 Eu vejo a face tua.
 Como a lua,
 A face tua ingénua e nua entrego-a
 Ao meu amor. A face ingénua e triste...
 E existe
 Na beleza serena e melancólica
 Do teu vulto esboçado, uma simbólica,
 Uma sagrada fluidez...
 Era uma vez...
 Era uma vez um rosto puro e moço,
 Romântico e poeta, névoa, esboço
 Dum desenho que alguém desenharia...
 Em certo dia...
 Na madrugada fria,
 Pela bruma, nas árvores, no orvalho,
 Um pássaro chorava pelo amante,
 Um amante futuro inda distante...
 (Madrugada... E o dia é já grisalho!)
 E espalho
 Ao vento
 O meu angustioso sentimento,
 Um pássaro que grita em noite muda,
 Chora na madrugada que não muda,
 Esvai-se como pó na tempestade...!
 E vai pedir piedade
 Ao oceano côncavo que está.
 Mas lá
 O oceano longo e infinito
 Com angústia maior cala o meu grito.
 E eu fico e fito,
 De olhos parados, longe, o mar. Comigo
 Mora a esperança de encontrar, enfim,
 O desenho indeciso e sempre antigo
 Dum navio caminhando para mim.
 Antigo... Das origens me procura
 E vem, como da água nasce a planta
 No princípio do mundo, quasi escura
 A atmosfera, pois que o sol não canta,
 Mal rasga o véu aquoso sobre a terra.
 Antigo e indeciso, qual o mundo
 A germinar sob um silêncio cheio
 De mistérios, promessas, pulsações,
 Presságios a oprimir os corações...
 — Sei-o!,
 Antigo e indeciso, o tal navio,
 Adolescente, manso, tão poeta,
 Será meu, andarei nele, erradio,
 Pelas terras sòzinhas do planeta!
 Pintá-lo-ei da cor que eu amo, o verde,
 E o oxigénio e a névoa, em rumo norte,
 Farão o meu cabelo loiro e ter de
 Velhas sagas a alma doce e forte.
 E como o Amor é a beleza heril da Morte,
 Como é veneno o coração cingindo,
 Serei no mar de neve um cisne em sonho,
 Morrendo, ao sol da meia noite lindo.
 O meu navio irá comigo ao fundo.
 Hão de nascer as estrelas que eu suponho.
 E o longo oceano que hoje não circundo
 Há-de planger em mim: será real meu sonho.
 Começas a encantar-me, ao longe. Calma. Névoa.
 E's algas e sargaço a que se não resiste.
 A face tua, ingénua e nua, entrego-a
 Ao meu amor. A face ingénua e triste...

Florentino

Amor

Era o pássaro verde onde os poetas
 Sentem plumas que dão brisa às manhãs.
 Era o contrário das cantigas vãs,
 Era a promessa de ânforas secretas.
 Era, outra vez, a antiga caravela,
 Com Príncipes na proa do navio.
 E, ao leme, em trajo branco e luzidio,
 De todas as sereias a mais bela.
 Era a sombra da noite nos pinhais,
 A cortina das ondas sobre a areia,
 O perfume das tardes outonais,
 O fogo, a neve, o mar, a lua cheia...

Mas, ao juntar-se, as mãos ficam sem alma
 E, se a fogueira mística se apaga,
 O tédio é o nome que nos traz a calma
 E a nódoa a cinza que nos traz a chaga.

Pedro Homem de Mello

Soneto a Beatriz

Tradução de Florentino

Um dia... veio-me a melancolia
 E disse: — Quero um pouco estar contigo.
 E apareceu como a trazer consigo
 O desespero e a dor por companhia.

E disse-me: — Parte, vai-te, ó sombra fria!
 Só respondeu mudez, como um jazigo.
 E, meditando, conservei comigo
 Planos, e vi o amor que, então, surgia.

Com lutuoso trajo novo posto,
 E com capuz caído sobre o rosto,
 E chorando do fundo coração.

E eu perguntei: — O que é que tens, cativo?
 E respondeu: — Estou triste e pensativo,
 Pois que a senhora nossa morre, irmão.

Dante Alighieri

Guerra

Canhão, trovão onde o ruído canta e reza.
 Pragas sagradas; mudez que fala; enfim:
 Barulho tal que é um silêncio como as horas
 Solenes quando algo vai acontecer.
 A tela é o céu todo de fogo a amar a terra
 E a queimá-la, e nela o sangue borda rios.
 O sangue é leite que amamenta uma seara
 Que há-de nascer do chão lavrado por canhões.
 Gritam máquinas. Corpos de homens são cortados.
 Suor e sol. Amor e ódio. Pressa e empenho.
 Tensão! Atentos. O mundo acaba. Ou nasce agora?

Sobre um outeiro, ali ao pé, pousado em lama,
 Entre os arbustos, olhos abertos para o céu,
 Geme e sorri um infantinho, como outrora,
 Como ao princípio, embora esteja sobre o outeiro,
 Onde a seara que preparam vai chegar.

João de Albuquerque

SOLCRIS

...é um store

ARMAZEM DE MERCEARIASCereais — Toucinho
Gorduras — Sabões**Aires & Magalhães, L.da**

605 — RUA 22 — 609

(Em frente aos novos Paços do Concelho)

Telefone 342
ESPINHO**Agrupamento Comercial e Industrial, L.da**

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM
ESPELHAÇÃO
FOSCAGEMGravura artística
em vidro**ACIL**
OVARCRISTAL
EM CHAPAVidro impresso
em todas as cores

Telefone, 75

Telegramas: ACIL

FÁBRICA E ESCRITÓRIO: **OVAR** LARGO 1.º DE DEZEMBRO**DUARTE & C.^a**

— Armazenistas de Mercaria —

Rua 19 - **ESPINHO**

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO :

Mercearia Porto ESPINHO

Piaadores, 104 - Tel. 3771

— **GAIA** —

Rua Dezanove - Telef. 16

SABOARIA ATLANTICARua 26 — **ESPINHO****Cadinha & Couto**

Armazenistas de Mercaria

Azeite, Cereais, etc.

RUA DEZOITO
Telefone, 52
ESPINHO**CASA SOUSA**
PAPELARIA E LIVRARIA

— J. Moreira de Sousa Júnior —

Telefone, 99

Rua 19 N.º 215 — **ESPINHO**Carteiras, Porta-moe-
das, Pastas, Produtos
de perfumaria — La Toja
— Jogos, Novidades

ANTES E DEPOIS DO CINEMA VÁ AO

SOL D'OIRO

PEGADO AO TEATRO S. PEDRO

RUA OITO

(Caves da Sede do Sporting Espinho)

Cervejaria, Café, Bar com
secção de Adega Regional

ARMAZÉM DE MERCEARIAS FINAS

— CHÁS E CAFÉS —

GRANDE DEPÓSITO DE CONSERVAS

TELEFONE N.º 37

APARTADO 37

União Comercial de Espinho, L.da

ARMAZENISTAS

FÁBRICAS DE:

TORREFAÇÃO E MOAGEM

LICORES E XAROPES

— **UNIÃO** —

Rua 19 — 409 a 421

ESPINHO**PADARIA PROGRESSO**

DE

Manuel Maria Valente**DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICILIOS**Fabrico esmerado de todas
— as qualidades de pão —

Telefone 6 - (PARAMOS)

SILVALDE**PADARIA MECANICA****A PÉROLA DE ESPINHO**

— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo,
bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos
mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»

ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84

ESPINHO**FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS**

— VENDAS POR JUNTO —

Baptista & Oliveiras

Únicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimentícias «Mila-
neza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.daFábrica Portuguesa de Fermentos Ho-
landeses, L.da

ADUBOS «S. A. P. E. C.»

Telefones: 21
Telegramas: FARINHA;
APARTADO. 5

Rua 62-ESPINHO

PADARIA PRIMOROSA

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especia-
lidade em fabrico de pão de milho— **ESMERO E ASSEIO** —

Rua 14, 833

ESPINHO**Tipografia Progresso**Execução de trabalhos tipográficos
em todos os géneros

RUAS 11 E 20

ESPINHO

SE BOM SÓCIO
DA
ASS. ACADÉMICA
ASSINANDO O
Boletim

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

SE BOM ASSINANTE
DO
Boletim
ANGARIANDO
ASSINANTES

Toiros e Toiradas

Por PAQUITO

Na 2.ª corrida realizada em Espinho, o público divertiu-se bastante—cada qual a seu modo—ainda que a função tenha resultado medíocre.

Uns divertiram-se com os touros; outros com os artistas, e aqueles a quem estes dois factores não conseguiram interessar divertiram-se com a cena—estamos em crer, que inédita—dos músicos a discutirem com o público.

Desta vez houve touros mas não houve quem os soubesse lidar, do mesmo modo que na 1.ª não houve touros nem quem touresse. Regosigemo-nos com o facto de já ter havido melhoria pelo menos numa das partes—quicá a mais importante.

A arte de Marialva, desta vez representada por José Casimiro e Manuel Conde, foi indecorosamente atraçoada nos seus princípios mais elementares e basilares. De facto os dois cavaleiros fartaram-se de fazer asneiras e cometer atropelos, pelo que, diga-se desde já, ouviram constantes aplausos e deram voltas ao redondel! Parece impossível mas é verdade!

Da lide a pé estavam encarregados Carlos Vera Cañitas, e Abellardo Moreno Reina. Dizemos «estavam encarregados» e não «encarregaram-se» porque de tudo o que fizeram muito pouco se aproveitou e mesmo o pouco de bom registado foram «apuntes» isolados e sem continuidade alguma.

Cañitas é o verdadeiro toureiro

mexicano que procura suprimir a «a falta de geito» com um arrojo temerário e desmedido. Do seu lote, teve o 1.º novillo, nobre, bravo e suave que, nas mãos de um verdadeiro «maestro» proporcionaria uma «faena cumbre.» Com o capote toureou por verónicas, lances de frente por detrás e teve ainda chicuelinas que surgiram normalmente como desplanete e desforço depois dos revolções que sofreu. Cravou ferros em abundância, sendo apenas de aplaudir dois pares dentre todos. Com a muleta, no seu primeiro—o tal que era uma «pera»—deu alguns naturais e ajuda dos por alto de boa factura. Faena paupérrima e indigna de tal animal. No seu 2.º que, como os dois que tocaram ao seu parceiro, chegaram soltos, não o dominou como deveria, procurando destroncá-lo e dobrá-lo com uns passes por baixo a fixar. Seguiu precisamente com os ajudados por alto, realizando o circuito da praça em companhia do novillo, consequência mais ou menos natural da maneira errada como o toureou. Finda esta faena—que para mim nunca o foi—deu volta à arena e saiu ainda a saudar aos médios. Um sucesso, enfim!

Moreno Reina dava-nos algumas esperanças em face do número de funções que levava toureadas em Espanha e alternando com nomes da 1.ª fila novilheril! Todavia desiludiu e por completo. Esteve sem sitio, embrulhado, trapalhão, e também nunca se

Continua na pág. 2

Interesses Regionais

A ESTRADA PORTO - ESPINHO

Todos nós dizemos, e com bastante verdade, que Espinho é servido por bons meios de comunicação.

E' boa a ligação de Espinho com a estrada nacional Porto-Lisboa.

São em quantidade suficiente os comboios da C. P. e do V. V. se bem que um tanto vagarosos muitos deles e pouco confortáveis, o que não admira se atendermos à veteranaria de grande parte do material circulante que não foi possível substituir ainda.

Por tudo isto se diz que é fácil chegar a Espinho partindo de qualquer ponto do País.

Há porém uma excepção a essa facilidade.

— Por estrada não é nada «fácil» vir do Porto a Espinho ou vice-versa.

Fácil, na acepção de seguro, pois a acumulação do trânsito, as curvas apertadas e sem visibilidade, os troços estreitos onde mal cabem dois carros a par, fazem da estrada uma via de comunicação por onde se viaja «com o credo na bôca».

Julgo que o «acaso» é, ainda, em grande número de vezes, a salvação dos automobilistas.

De facto, ocasiões há em que, ao entrar naquelas curvas apertadas e sem visibilidade, o viajante é instintivamente levado a pensar no que sucederia, se nesse momento aparecesse do outro lado um carro guiado por pessoa menos cautelosa e das tantas que agora há, dadas a velocidades excessivas.

A ansiedade provocada por tal ideia, só acaba quando finda a curva, e se verifica que «por acaso» não apareceu o tal carro do outro lado.

Mas também é verdade que às vezes aparece—e lá há mais um choque, mais alguém ferido ou morto a contribuir para a estatística dos acidentes de viação.

O remédio para o mal não está só num maior cuidado da parte dos que guiam, se bem que esse cuidado seja indispensável sempre. E' também preciso desafogar a estrada, fazendo noutros locais o que se fez na chamada «curva da morte» perto da Chamma que agora é uma bela curva suave e com boa visibilidade.

Espinho tem de solicitar o interesse da Junta Autónoma das Estradas do Distrito do Porto para a solução do problema.

Está em reparação a estrada Porto-Póvoa, a qual vai ficar em excelentes condições de piso, largura e traçado.

Que caiba depois a vez à estrada Porto-Espinho que pela densidade do seu movimento se revela tão importante como aquela.

Isso impõe-se a não ser que seja de realização próxima, o belo projecto da estrada marginal de turismo, de Espinho a Massarelos, pois nesse caso deixaria de haver problemas para haver as facilidades de comunicações para todas as praias de Espinho à Afurada.

A. N. N.

FOLHETIM MENSAL

por: José Corte-Real (PEPE)

QUE ISTO DE SER PAROLO...

Que isto de ser parolo deve ser antes motivo de orgulho do que causa de desgosto. Porque a expressão tradicionalista e genuína do povo se exprime no homem de aldeia e não no homem stock da cidade, expressão mecânica da ditadura universal da moda.

Que isto de ser parolo é ser português de lei, detentor de velhas tradições e usuais costumes.

Parolo é o homem que respira o ar sadio das montanhas, que tem a natureza virgem como panorama eterno, que vive alheado de preconceitos inúteis, respeitando a Lei da sua palavra, adorando o Deus dos seus antepassados e vivendo no labor contínuo da enxada...

Parolo é o homem de forte arcaboço e rígidos bicipites, de torax largo e alma forte, que sorve a largos traços o

aroma puro que exala a terra amiga do campo. Parolo é o Homem que não conhece Kant mas adora Deus, que não lê Einstein mas lê a Bíblia, que não conhece Kepler mas lê nos astros o que será o outro dia, que não sabe botânica mas semeia o milho, que ignora a hidráulica e rega o campo... parolo é enfim o homem que é irmão da natureza infinda e lhe compreende a sua linguagem de infinita beleza.

O Homem da Cidade, átomo da Babilónia moderna, respirando um ar infecto, tendo limites fechados como atmosfera, vivendo dias e dias em mundos cerrados, sentado a secretárias ou em mesas de cafés ou de «bares» imundos, é um raquítico físico, de pulmões enfraquecidos, de bicipites asténicos...

Que seria do Homem da cidade sem o trabalho produtivo e positivo do Homem anónimo da aldeia, arrancando à terra o pão bendito de cada dia?

Nós somos os obreiros do progresso afirma o civilizado da cidade...

Que progresso? perguntamos. Será progresso o que nos rodeia? Será progresso termos diminuído o tempo aumentando a velocidade? Será progresso termos avançado nas físicas, nas químicas, nas matemáticas, etc?...

Mas que conseguimos nós com tudo isso? Preocupa-

ções e dinamismo. O que há 200 anos se podia resolver em 100 dias hoje tem de ser resolvido em horas. Hoje tudo depende da oportunidade. Melhor: hoje depende tudo de anteciparmo-nos à oportunidade. E isto é motivo de preocupações. Temos de prever a oportunidade...

Tudo isto é aso de preocupações... e tudo isto é motivo para não termos paz de espírito e não sermos felizes...

Se virmos bem verificaremos que o Homem da Cidade é um despersonalizado. O Homem de Lisboa é o mesmo de Paris. Traja pelo mesmo figurino internacional. Respira o mesmo ar e as mesmas preocupações. Lê os mesmos jornais e as mesmas revistas, em línguas diferentes. No fundo é uma mesma expressão multiplicada.

Já o Homem da aldeia é a expressão genuína do povo. Não será culto mas é honesto; não será génio mas é trabalhador. Não necessita de luz eléctrica porque se deita cedo; não precisa de «bars» porque vai cedo para a cama; não necessita da Civilização... mas a Civilização necessita dele porque precisa de comer.

Que isto de ser-se parolo é honra porque é ser português!